



## DAS PRIMEIRAS EXPERIMENTAÇÕES SOBRE O HOMOEROTISMO: NARRATIVAS DOCENTES

*Eixo Temático 28 - Narrativas, Gêneros, Sexualidades E Educação: Encontros Insurgentes*

Gerlândia de Castro Silva Thijm<sup>1</sup>  
Amanda da Costa Chaves<sup>2</sup>  
Juliana de Castro Silva<sup>3</sup>  
Larissa Fonseca Costa<sup>4</sup>

### RESUMO

Episódios narrativos sobre o homoerotismo e docência são objetos de desejo neste estudo que investe em jogos discursivos ao perscrutar sobre docência e diferença e procurar, em narrativas, a produção da performatividade homoerótica na experiência do Ensino Superior. Para lidar com as narrativas, pegadas desvirtuaram ao pós-estruturalismo em composições com *devires* deleuzianos e foucaultianos. Apresentam-se episódios, suprimem-se outros e descrevem-se as experimentações de uma trajetória irregular de formação para a docência. Experimenta uma escritura cartográfica para produzir uma poética da escrita com contos, poesias e devaneios. A experiência homoerótica na docência é lugar movediço, transversalizado por práticas discursivas que lhe imprimem governo e performatividade.

**Palavras-chave:** Narrativas docentes, Experiência formativa, Homoerotismo, Diferença

### INTRODUÇÃO

Gênero, sexualidade e educação são matérias muito afetuosas para o campo das pesquisas, porém, quando se cambia para o homoerotismo e educação, estes temas assumem conotações provocativas e sedutoras.

Por isso, deseja-se neste lugar investigativo fazer emergir a experiência homoerótica a partir de episódios narrativos sobre os lugares da docência adotando-se uma investida em jogos discursivos subversivos ao perscrutar sobre a produção da performatividade homoerótica na experiência do Ensino Superior. Para tanto, reinventa um percurso formativo que vem antes e

<sup>1</sup> Doutora, docente Curso de Matemática da Universidade Federal do Pará- UFPA, [gerlandia@ufpa.br](mailto:gerlandia@ufpa.br);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará- UFPA, [amandacostachaves15@gmail.com](mailto:amandacostachaves15@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará- UFPA, [julianasilva.jc100@gmail.com](mailto:julianasilva.jc100@gmail.com);

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará- UFPA, [larissafonseca2002@gmail.com](mailto:larissafonseca2002@gmail.com).



durante a docência capturando, em enunciados, as práticas discursivas que fazem emergir a abjeção e a performatividade.

Para lidar com as narrativas, pegadas desvirtuaram ao pós-estruturalismo como teorização da diferença e conduziram à produção de uma escritura *queer*. Emergem-se episódios, suprimem-se outros e descrevem-se as experimentações homoeróticas de uma trajetória irregular de formação para a docência.

De lugares desalinhados e fugitivos experimenta-se uma escritura cartográfica proliferadora de eventos em vaivéns intensos de devires, para produzir uma poética da escrita com invenções, contos, poesias, devaneios e divagações.

Esta experiência narrada é produtiva e inventiva, pois, por ser atravessada por desmantelamento, preconceitos, tentativas de disciplinamentos e heterogeneização é, igualmente, marcada por enfrentamentos, superações e autoafirmação.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Neste estudo arrisca-se um experimento de aproximação com uma poética de escrita que ambiciona aportes nas teorizações pós-estruturalistas, em confabulações com o pensamento *queer* buscando contribuições da Análise das práticas discursivas foucaultiana para tentar (des) coordenar o redemoinho discursivo arrebatado para estudo.

Exercita-se certa autonomia na escrita ao entender a poética como um cabível lugar da revolução, em cujas semânticas e gramáticas podem ser agregadas conotações de alteração política (Kristeva, 1984).

Foram ouvidos e transcritas formações discursivas a fim de se capturar enunciados que demarcam a trajetória, não linear, incerta e inconclusa sobre a experiência de um docente do Ensino Superior.

Sob estas lentes, em limites escapadiços, urge se transpor o domínio autoral de uma poética e partir para lugares intermitentes, não com metáforas ou outras figuras usadas a esmo, mas com metáforas ou outras figuras envolvidas com os fundamentos de uma poética que “não estão apenas a serviço de uma descrição das narrativas; eles também possibilitam uma acurada análise de como o texto reflete, subverte e questiona a realidade do mundo social no qual está inserido” (Alós, 2010, p. 843).



Alguns trechos de composições narrativas são trazidos aqui, como os que descrevem “Os cursos da Vida”. Estes trechos são subjetivados e relacionados a outras narrativas, como as de romancistas e poetas.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O arremetimento discursivo que atravessa este estudo se inscreve em um terreno de improbabilidades e desgoverno; mais de *occurrents* e desencontros do que de revisão, mais de pastiche e montagem do que candidez e civilidade. Forma um chão perspectivado, não concluído, não acabado, como provocação de instabilidades.

Recorre ao pós-estruturalismo que, além dos descentramentos, põe em dúvidas os regimes de verdades estabelecidos e os discursos comuns, despreocupados e descomprometidos, lançando à linguagem a tarefa de problematizar-se, principalmente, sendo visto pelos olhares foucaultianos sobre a circularidade e descentramento do poder.

Os descentramentos também interpelam o sujeito moderno que não passa de uma construção discursiva cujas identidades não são taxonômicas, centradas e únicas. Nesta coerência há de se compreender como a abordagem pós-estruturalista da diferença dialoga com definições identitárias tidas como culturais, ou descentradas como denomina Hall (2004).

O gênero brotará, destarte, de processos culturais de significações, como construção social e cultural de masculinidade e feminilidade, atravessados por relações de poder, o que tenciona as referências às diferenças biológicas, dando visibilidade aos aspectos culturais. Louro (2007) sustenta que há uma dicotomia na relação de gênero que implica na contraposição de um polo da oposição binária a outro.

Isso implica a necessidade de se romper com o enraizado caráter heterossexual que estaria, na visão de muitos, presente no conceito de gênero, e revisarmos esta construção como historicamente situada e em processo de construção.

Para transitar pelas identidades homoeróticas, Butler (2002) ao visibilizar o conceito de abjeção refere-se ao que foge à regra, como sítio da dessemelhança e da não identidade. No processo de construção de subjetividades a abjeção consente a constituição de outros corpos – os não-civilizados.

É possível, assim, que outras identidades sejam forjadas, para além das instituídas.



As teorizações *queer* operam, ainda, com o conceito de performatividade tomado de empréstimo, dentre outros, de Derrida (1991). Nesta reconfiguração, Butler (2002), em um esforço de desnaturalizar o sexo e o gênero, recorre às formulações sobre performatividade para compreender como a reiteração das normas de forma ritualística cria subjetividades.

De Derrida e Butler, costura-se conceito de performatividade com referência ao lugar do homoerótico em práticas profissionais tidas performativamente como lugar hetero. Recorre-se, igualmente, ao conceito de abjeção desenvolvido nas teorizações *queer*, para compreender como os corpos abjetos normatizados e governados estão postos no cenário da docência.

Movimenta-se, destarte, um chamamento pelas proposições dos campos discursivos pós-estruturalistas para operar com um conceito de identidades abjetas, compreendendo-se a experiência homoerótica na docência como um lugar móvel, instável e fronteiro, atravessado por práticas discursivas que lhe imprimem governo, performatividade, desproblematização e lugar de onde emerge a possibilidade de desmantelamento.

Para conversar com estas adjetivações, o estudo volta-se ao conceito de docência enquanto acontecimento deleuziano e experiência, numa perspectiva larroseana: uma viagem que envolve formação e atuação. Um espaço para o intransitivo, um lugar não pronto, provisório e com muitas significações: “uma viagem aberta, uma viagem que não pode estar antecipada, e uma viagem interior, uma viagem na qual alguém se deixa influenciar a si próprio, se deixa seduzir e solicitar por quem vai ao seu encontro, e na qual a questão é esse próprio alguém, a constituição desse próprio alguém, e a prova e desestabilização e eventual transformação desse próprio alguém” (Larrosa, 2006, p. 53). Um processo, portanto, de adiamento.

## RESULTADOS

Para dizer sobre os “Os cursos da Vida” há que se concordar certa preferência sobre o campo das ciências humanas. Percorreu-se, e às vezes simultaneamente, sem linearidades diferentes processos formativos: a Psicologia em poucos anos, depois Letras e Pedagogia, à procura de uma explosão, a explosão do homoerótico, do experimentável, da tentação da carne, perdição do espírito e construção da ambivalência.

Queria uma licenciatura, ou mesmo lidar com a docência; queria um público homoerótico; queria manejar com outro tipo de macho, ao estilo “mamão-macho”, como aquele



mamoeiro que nascia em uma extremidade do muro da universidade, que desde pequeno ouvia em casa que era um mamoeiro estranho. O mesmo mamão tão temido pelas avós que pintou o escritor. E quem não se lembra, ou mesmo reinventa o que dizia a avó com

suas palavras sobre o ‘mamão-macho’. Dizia que não podia cortar o olho do mamoeiro ainda jovem porque senão ele se tornava macho. Um dia nasceu um mamoeiro no quintal e logo que penderam aquelas flores a velha Bilinha avisou: - Este mamoeiro é macho. Vou cortar. – Corte não mãe. – Pediu-lhe (...) para deixar o mamoeiro vingar. Teve pena. Bonito, sobretudo as flores. – Não vai botar mamão. – Respondeu e ainda acrescentou: – Bota apenas dois: os quibas – E o mamoeiro ficou lá até finalmente nasceram dois únicos mamões pendurados. Quando amadureceram a mãe os retirou e falou de um certo doce muito perigoso que fazia com eles ainda verdes. **O doce tinha um estranho poder de fazer a pessoa mudar a preferência sexual.** Depois ficou olhando estranhamente para ela, a ponto de perguntar o que estava pensando. Ela nada respondeu, apenas pinicou os mamões e jogou no lixo. Era criança nesta época e só depois percebeu que a mãe pensou em dar-lhe o doce pra comer [grifos meus] (Ramos, 2006. p. 20).

Desde muito cedo, ouviu receitas, e pior, viu as pessoas olharem-no como uma provável cobaia para aquelas receitas que tornariam um mamão macho. Ainda bem que foram somente olhares, pensou. Na verdade, não! Foi compelido a adotar uma postura de “mamão-macho”, a jogar futebol, a fazer exame para a carreira militar... quantas surras! Como se isso fosse orientar sua sexualidade e heteroidentificar seu corpo. Assim como cursar ciências humanas não o fazia afeminado, era tudo muito mais que isso.

Certamente passaria por estes cursos, pois, por exemplo, não foi difícil passar pelas Letras. Passaria por este curso como quem deseja submeter-se aos delírios das mil e umas noites fazendo brotar a cobiça de um microuniverso. Um mundinho em que pudesse conviver com os alunos de Letras e vê-los passar com aquela pinta de menina com o caderninho junto ao peito rebolando, uma vez que se colocassem os cadernos presos nas mãos abaixo da cintura, já se sabia que eram de Engenharia ou de exatas, mas os meninos de Letras e os de Pedagogia pareciam, e muito, o Balé *Bolshoi*. Juntava-se tudo: Comunicação, Arte e criava-se “a casa da Barbie”.

Pouco percebe que, estes jogos entorpecidos, adjacências de enunciados despidos, dispersos e inconclusos provocam o homoerotismo e movimentam performances envolvendo o masculino e o feminino e seus lugares reiterados historicamente, criando-se mais que clichês ou discursos comuns, produzindo-se performatividades. Estes lugares criam, subvertem, produzem cursos, labirintos, disciplinas e indisciplinas aos que se atrevem à transgressão em que imagens abjetas materializam metáforas e preceituam posturas e outras tantas atitudes



prescritas repetidas e, portanto, performativas, configurando-se em um “ato não singular” (Butler, 2002. p. 12).

Prefere a entusiasmada confabulação com informações desencontradas, incertezas nascentes e postas sobre a mesa: o estilo mamão-macho, este é o desejo imposto por uma performatividade produzida para os corpos, assim como a *pinta*. Assim como abraçar o caderno igual ao Balé *Bolshoi* e fazer do seu espaço/estilo a imagem da *Barbie*.

Pouco se entende provocado, também não relaciona a abjeção a qualquer performance, mas entende que o homoerotismo cambaleia em campos discursivos contíguos cujas vontades enunciativas movimentam formações diversas fazendo circular nomeações para o corpo e marcando em seu invólucro nomenclaturas dos lugares habitados com *pintas* e *jeitos*.

Insuetos *flashes* de uma lembrança que é reiterada e porque deleuziana é revivida de forma incompleta enquanto é altamente produtiva, inventiva e mutilada, criando simulacros reais. Esta lembrança é ainda reiterada porque, foucaultiana, é repartida e dispersa, ao produzir uma mistura de realidades e fabricações de outras e ao permitir que sejam criados contos e fábulas em que é possível caminhar por uma sala em que se encontra um livro disposto em uma escrivaninha dançante.

Na escrivaninha dançante encontra-se dentro do conto quando, com uma só olhada, percorre toda a sala escurecida pela madeira envelhecida misturada ao amarelado dos acortinados estáticos pela falta de ventilação. Atem-se na janela observando os jovens franzinos que, sem camisa, jogam futebol dentro dos muros da escola ao mesmo tempo em que do alto de um prédio separado do seu, cuja sombra vai até o meio do campo, em uma sala com imensas janelas de vidro, alguém observa e faz anotações exercendo a enfadonha tarefa panóptica (Foucault, 1984).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste fragmento pesquisa narrativa, lançaram-se lentes à produção narrada com a compreensão de conhecimento como artifícios de lutas e desejos móveis atravessados por discursos, olhares subjetividades, dessubjetivações, adiamentos e *devires*, forjando-se como criação e produção discursiva de tramas rizomaticamente fazendo-se e deslizando-se em diferentes direções ao interpelar e buscar o além-agora que permitiu “encarar as potências



criadoras da narração como prática vacilante de linguagem que nada deve àquele que a profere” (Silva, 2012, p. 01).

Assim, fabricaram-se narrativas que ressignificaram a experiência homoerótica no processo formativo na docência compreendendo-a como uma forma de lançar-se para o além-si-mesmo de modo brusco e arriscado, já que a experiência opera como uma agência de “dessubjetivação” e neste empreendimento destitui o sujeito de si, em um experimento de autoextermínio produtivo. A escritura da experiência do homoerotismo e da docência provoca híbridas visões em múltiplos olhares, diversifica os sentidos, desnorteia a razão.

O fragmento de texto trazido da experiência narrativa destaca algumas formas de narrar as subjetividades buscando moldá-las, nomeá-las, curá-las, mas, também, registra as linhas de fuga, os escapes e as invenções de formas de existir e experimentar. Daí a conclusão de que outros ditos precisam ser trazidos e visibilizados e outros debates precisam ser instigados a fim de que lugares de fala sejam respeitados na experiência da docência.

## REFERENCIAS

ALÓS, Anselmo Peres. Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética *queer*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 18(3): 837-864, setembro-dezembro/2010.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que Importan**. Barcelona: Paidós. 2002.

DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia**. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução: Alfredo Veigalneto, 4ª edição. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 184 p.

KRISTEVA, Julia. **Revolution in the Poetic Language**. New York: Columbia University Press, 1984.

RAMOS, Benedito. **Doce de mamão macho**. 1ª ed. Maceió: Catavento, 2006.

SILVA, Josenilda Maués, Uma política de escrita para a investigação curricular: inflexões deleuzeanas. **Anais do X Colóquio sobre Questões Curriculares / VI Colóquio Luso Brasileiro de Currículo**. Belo Horizonte-MG, 2012.